

Nomeação, criação e linguagem em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector: reflexões sobre o lugar de Deus no paradigma da linguagem

Lucia Helena¹
Universidade Federal Fluminense

Resumo: Este texto discute que o “lugar de Deus”, no sentido de uma especulação sobre a linguagem, é um paradigma de ressonância judaica, que recebe especial atenção em *A hora da estrela* (último romance publicado em vida por Clarice Lispector, em 1977). Inicialmente, neste paradigma, transparece o ato de nomeação (e de criação, tanto discutida por Rodrigo S.M, o narrador interposto pela autora) de dois personagens centrais da obra: Macabéa e Olímpico de Jesus. Em segundo lugar, por meio deste ato, a narrativa de *A hora da estrela* articula três tradições culturais e religiosas: a grega, a judaica e a católico-cristã, memórias que Lispector interconecta para melhor trabalhar, tanto sua própria concepção da linguagem como metamorfose e cena fulgor quanto a do ato narrativo como um ato de criação e não de reprodução. Finalmente, utilizando-se desta estratégia, *A hora da estrela* dinamiza um debate acerca das relações entre o ato de nomear e de criação, no qual ressoa a questão da autoria e da divindade, restituindo à linguagem uma força capaz de promover interpretações sobre a criação do mundo e dos homens, como nas cosmogonias remotas do mundo grego e de outras culturas da antiguidade.

Palavras-chave: Nomeação. Criação. Linguagem. *A hora da estrela*. Cosmogonias.

[...] o lugar de Deus é um dos centros conexos dos textos da escritora [Clarice Lispector], embora seu interesse não esteja na busca do estabelecimento de doutrinas nem de práticas religiosas, mas nas [...] suas ressonâncias a partir de cenas cotidianas. [...] A concepção de Deus aparece desde então como o próprio

¹ Lucia Helena concluiu o doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1983. Realizou o Pós-Doutorado em Literatura Comparada na Brown University, em 1989. Aposentada do departamento de Ciência da Literatura da UFRJ, onde lecionou Teoria da Literatura até 1992. Atualmente é professora titular da Universidade Federal Fluminense, onde entrou por concurso público em 1994. Publicou mais de 50 capítulos de livros e 12 livros de autoria individual, além de ter organizado 4 livros coletivos (3 impressos e 1 em CD-Rom) e 3 números de revistas especializadas na área (Rio de Janeiro, *Gragoatá*, 1 número; Roma, *Letteratura d' América*, 2 números, com Ettore Finazzi Agrò). Participou de mais de 60 eventos no exterior e no Brasil. Orientou intensamente dissertações de Mestrado, teses de Doutorado, pesquisas de pós-doutorado e bolsistas do PIBIC, na área de Letras. Coordenou diversos projetos de pesquisa. Atua na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, Literatura Comparada e Literatura Brasileira. Criou e dirigiu, em 1993, o Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura, NIELM, na Faculdade de Letras da UFRJ. Lidera, desde 1995 até o presente, o grupo de Estudos CNPQ/UFF *Nação e narração*. Organizou, até o momento, onze seminários nacionais vinculados ao grupo de pesquisa que criou e a suas pesquisas junto ao CNPq. Dirigiu, até o momento, a publicação de três livros com textos apresentados nesses eventos, com auxílio do CNPq, pela Contra Capa-RJ, além de dois livros com os resultados dos demais seminários, em CD-ROM. Atualmente desenvolve o projeto de pesquisa intitulado *Os intelectuais e as cadeias de papel: literatura, ética e mercado*, aprovado pelo CNPq, com bolsa de produtividade em pesquisa, para o quinquênio março de 2011 – fevereiro de 2017. Lançou, em maio de 2012, o livro de crítica literária *Náufragos da esperança: a literatura na época da incerteza*. Tem lecionado, como professora visitante, cursos no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa. Pesquisadora 1-A do CNPq. Recebeu, em 2009, o II Prêmio UFF de Excelência Científica na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. E-mail: lh@globo.com.

paradigma da linguagem², sendo a especulação sobre a letra e a escritura provavelmente o principal eixo do pensamento judaico e seu traço mais original.

Berta Waldman³

O “lugar de Deus”, no sentido de uma especulação sobre a linguagem, é paradigma que recebe especial atenção em *A hora da estrela* (último romance publicado em vida por Clarice Lispector, em 1977). Inicialmente, ele transparece no ato de nomeação de dois personagens centrais da obra, Macabéa e Olímpico de Jesus, e por meio dele, a narrativa articula três tradições culturais e religiosas: a grega, a judaica e a católico-cristã, memórias que Lispector interconecta para melhor trabalhar tanto sua própria concepção da linguagem quanto a do ato narrativo. Utilizando-se desta estratégia, *A hora da estrela* dinamiza um debate acerca das relações entre o ato da narrativa, da criação e da autoria, restituindo à linguagem uma força capaz de promover interpretações sobre a criação do mundo e dos homens, como nas cosmogonias remotas do mundo grego. Como se fosse um tríptico de tradições, o “romance-cordel” de Macabéa volta-se também sobre o ato cultural, coletivo e individual, de criar, narrar, ler e interpretar, conjugando tradições e concepções de *genre*⁴ e *gender*⁵.

Numa bem tramada rede em *quiasmo*, *A hora da estrela*, como um romance no limite do romanesco, remete ao tom dos relatos antigos da *Paideia* grega ao afirmar: “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida.” (LISPECTOR, 1977, p. 25). E, ao rememorar para o leitor as cosmogonias remotas que tratam da criação do mundo, dos seres e das coisas, a exemplo da *Teogonia*, de Hesíodo, narrativa que antecede a geração dos olímpicos, o texto de Lispector ultrapassa a simples retomada do passado para reinscrevê-lo como força de criação do novo. No tom imemorial usado pela narrativa da autora ressoa ainda o popular “era uma vez” das histórias infantis, nas quais repercute uma discreta alusão ao tema da origem. E este, por sua vez, como se fosse uma cobra mordendo o próprio rabo, ou como se retomasse a forma em mônada do ovular, reenvia às cosmogonias órficas, inicialmente tratadas pelos pré-socráticos, e que insistiam no *motivo*

² Fragmentos extraídos do livro citado, de Berta Waldman (2013), com montagem das páginas 43 até 51, feita por mim, tal como aparece na citação-montagem destacada. Para facilitar a compreensão do leitor, informo ainda que, de acordo com o que propõe Waldman, segundo a tradição judaica, a linguagem vincula o mundo terreno ao divino. Informação retirada de Waldman, *Entre passos e rastros*, p. 51, nota 11.

³ Em *Entre passos e rastros*, pp. 43 e 51. Cf. também p. 29.

⁴ *Gênero literário*.

⁵ Gênero no sentido de atribuição de papéis culturais constritivos da sexualidade focalizada de forma binária.

do ovo⁶ (KIRK; RAVEN, 1971, p. 37; 45), o qual toma assento, não por acaso nem raramente, em algumas das mais importantes obras de Lispector.

Quanto ao Judaísmo, *A hora da estrela* alude à versão tida como apócrifa do *Livro dos Macabeus*⁷, povo associado ao nome de Macabéa e que, por sua vez, remete ao paradigma do lugar de Deus como linguagem, “principal eixo do pensamento judaico e o seu traço mais original”⁸, uma das características muito presentes na textualização de Lispector. Tal concepção por ela adotada consiste em trabalhar a linguagem como uma forma de gerar sentidos que não cessa de se transformar e de interpretar e reinterpretar a significação das coisas e do mundo.

Como terceiro patamar de referência cultural-religiosa, o texto de Lispector promove o entrecruzamento das duas mencionadas tradições – a grega e a judaica – com uma terceira, a cristã, o que ocorre, inicialmente, pela escolha da alcunha do namorado da protagonista, Olímpico de Jesus, nomeação que reúne a referência aos gregos e aos cristãos. Por meio deste recurso, Lispector oferece ao leitor um texto incitante, no qual o ato de nomear se junta à ressignificação de tradições culturais de *gender* e *genre* que regem a condição social das personagens e as constroem a uma vida sofrida e a um comportamento subalterno.

Quanto à nomeação dos personagens, pode-se sugerir que Macabéa interage com o judaísmo, pois seu nome remete aos Macabeus, ainda que destes, no entanto, se distinga, pela fragilidade que apresenta, em oposição à força e resistência a eles atribuída pela tradição. Mesmo assim, o desamparo da personagem pode ser paradoxalmente vinculado a uma força, a de uma resistência (passiva), que faz com que Macabéa se caracterize pela não violência, pela obstinação e pela dignidade ética.

Em relação a Olímpico de Jesus, a ligação se estabelece inicialmente com os gregos e se inscreve no prenome, Olímpico, sendo feita por via de uma ironia quase sarcástica, lembrando-se, quanto ao fato, o discurso que o personagem faz em praça pública, para uma mendiga e para Macabéa, e no qual lança sua candidatura a deputado, utilizando-se de disparates proferidos em tom bombástico. O nome Olímpico de Jesus constitui-se como um

⁶ Como, por exemplo, os contos “O ovo e a galinha”, de *Legião estrangeira*, e “Uma galinha”, de *Laços de família*.

⁷ Conforme os estudiosos da tradição judaica, “os livros I e II dos Macabeus são apócrifos, isto é, não fazem parte do cânone dos livros de Bíblia hebraica”. O cânone judaico foi fixado aproximadamente no final do século 1 d. C, sendo incluídos somente livros escritos em hebraico (ou parcialmente em aramaico), considerados como datados em tempo não posterior a Esdras (séc. IV a. C). *Entre passos e rastros*, p. 3.

⁸ Em *Entre passos e rastros*, p. 29.

paradoxo, já que, por um lado, representa a tentativa machista (uma violência olímpica?) de dominar Macabéa, ao tratá-la com brutalidade e, por outro, representa a fragilidade (aludindo não apenas à Macabéa e aos desprotegidos, mas ao personagem carro-chefe do mundo cristão) do mesmo personagem tão destituído quanto a pobre nordestina de que tripudia. Este viés de oposição estanque de *gender* é, no entanto, rasurado pela articulação de feminino e masculino que se encerra no acoplar do nome de Olímpico com seu sobrenome, pois, na tradição oral nordestina, o filho, quando o pai não o assume, recebe por sobrenome o prenome de mulher de sua mãe (não é este o caso do namorado de Macabéa) ou, então, ganha por sobrenome o nome do santo do dia ou, ainda, dão-lhe como sobrenome o prenome Jesus, tal como acontece com Olímpico de Jesus. Tudo indica, na nomeação do personagem, que seja filho de mãe solteira, como ocorre com outro personagem nordestino, em conto de Mário Pontes, intitulado “Milagre na salina”, em uma antologia de contos de mesmo nome, publicada 1977. Neste conto, o personagem Manoel de Rosa leva no sobrenome o prenome da mãe, Rosa (HELENA, 1985, p. 105).

O ato de nomeação das duas personagens pobres e nordestinas – Macabéa e Olímpico de Jesus – é, pois, trabalhado numa tradição de interpretação, leitura e releitura, além de ser uma forma de perscrutar, construída por uma narrativa que menos afirma do que pergunta e que, fundamentada no princípio da negação, ceticamente duvida. No caso de Macabéa e de Olímpico de Jesus, a linguagem, produzindo paradoxos, mostra o quanto eles são pouco olímpicos: ele, um pobre operário sem nobreza, ao mesmo tempo machista e duro, como se fosse um patriarca dono de engenho, em relação à namorada pobre, feia, virgem e burra, que ele trata mal e compara a “um cabelo na sua sopa”. Quanto a ela, como um miasma nessa rede de disseminação, Macabéa representa, paradoxalmente e ao mesmo tempo, a dupla dimensão da fragilidade e da força, revelando-se portadora de uma potência que se alegoriza como forma de resistência (pacífica) e de elevação ao sublime.

Deste modo, a linguagem de Lispector, ao entrecruzar distintas tradições, vasculha a força daninha da exclusão, do ar rarefeito do coronelismo e das relações de poder, desmedidas e brutais, que se exercem na cena urbana carioca dos anos de 1970, cenário escolhido para o desenvolvimento da estória, já que Olímpico e Macabéa migraram para o “sul maravilha” e vivem no Rio de Janeiro, idealizado como terra sonhada da promessa, da alegria e das oportunidades, focalizada, ironicamente, em meio à modernidade da indústria cultural incipiente dos anos 70 e à renitente miséria social.

Resta por discutir e sintetizar os possíveis sentidos da ligação estabelecida entre a concepção do lugar de Deus como paradigma da linguagem com a tessitura do hibridismo das tradições culturais e religiosas e de gênero (*genre* e *gender*), no que podemos chamar de “assinatura do estilo Lispector” em *A hora da estrela*. Ao pôr em ação o entrecruzamento de tradições (dentre outras) que deram origem à cultura brasileira, *A hora da estrela* sublinha um sistema de experiência comunitária formado por uma miríade de fragmentos que, parecendo soldarem-se, podem fazer calar os anseios e as necessidades, ainda hoje, de homens e mulheres de diversas etnias, classes sociais, credos e configurações da subjetividade e da sexualidade, uma vez que os cacos das culturas não dominantes não cabem nos rígidos padrões culturais prontos da ideologia privilegiada, nem na camisa de força da produção de bens de consumo num mundo em que Macabéa adora beber Coca-Cola, comer cachorro quente e sonha ser estrela de Hollywood.

A questão mais se clarifica quando articulada ao problema do *genre*, ou seja, ao tema da mimesis literária e à teoria da representação e à sua crise, frisando-se o que diz Roland Barthes em *S/Z* (1980), a respeito das obras que operam por meio da mimesis da representação, que ele chama de o “paternal Modelo representativo” (BARTHES, 1980, p. 13), e correspondem ao texto “legível” ou de “plural modesto”, enquanto outras (que Barthes chama de “textos escrevíveis”) promovem a crítica da representação e apontam para sua rasura, encaminhando-se pelos parâmetros do que o teórico brasileiro Luiz Costa Lima denomina de *mimesis da produção* (LIMA, 1980, p. 171), a partir da qual as obras não mais simulam desenhar um mundo análogo ao real (como parecem fazê-lo as narrativas ditas realistas e naturalistas), nem buscam configurar essências idealistamente concebidas.

Neste ponto, a concepção judaica do lugar de Deus e deste como o paradigma da linguagem pode ser aproximada de uma escrita lábil, não mais mimética ou apenas representativa, porque errante e labiríntica. Tais obras, textos “escrevíveis”, mimesis da produção, correspondem a uma escrita que provoca incessante metamorfose e pluralização dos sentidos, das interpretações, leituras e releituras. Neste sentido, *A hora da estrela* reaviva formas de pensar e de escrever em sintonia, não de modo doutrinário, mas por afinidade eletiva, como ocorre no modelo de leitura da doutrina talmúdica dos quarenta e nove níveis de sentido de cada passagem da Torá. Acerca do assunto, considero muito importante a leitura de Berta Waldman, em *Entre passos e rastros*, segundo a qual Macabéa pode ser vista como a metáfora do judaísmo em crise, no qual o ritual de sua imolação desencadeia a criação de outra escritura,

na possibilidade, sempre presente, de se continuar a escrever. Se Macabéa é uma datilógrafa que não sabe escrever, o fracasso de sua escrita propicia uma visão do judaísmo que estaria sendo problematizada por Lispector (Cf. WALDMAN, 2003, p. 25).

Mais do que questionar, esta obra de Lispector esgarça, ao limite, a força da linguagem. E, como em *Água viva*, busca trabalhar entre os limites do pronunciável e do impronunciável, ou seja, entre o “intangível do real” (AV, 14) e o “figurativo do inominável” (AV, 97), ainda que, no caso de *A hora da estrela*, esse esgarçamento seja tratado mais sutilmente. Na narrativa de Macabéa, a dimensão ética traz à baila a discussão de problemas e dilemas vinculados aos temas da criação, da revelação, da redenção e da transcendência, também tratados em *A paixão segundo G. H.* Todavia, *A hora da estrela* avança muito mais o embate entre o narrar e o discutir o porquê escrever e a tensão entre cogitar o que há em comum entre a criação, no campo dos homens, e a criação do chamado “Criador”, no campo do sagrado. Além disso, a obra leva ao extremo a discussão do que o ato da criação dos homens e o ato de criação do Criador (com maiúscula, como se costuma dizer) têm a ver, se comparados entre si, pois ambos dispõem, hipoteticamente, do poder de dar vida e dar morte, seja aos seres humanos, seja às personagens literárias.

A hora da estrela mergulha fundo no impasse que se estabelece entre uma linguagem que promete contar e dizer a verdade, como no Cristianismo (e como na busca do personagem narrador e intelectual Rodrigo S. M. de conhecer sua personagem e de ser como ela, lutando para revelar ao leitor quem ela é), e outra linguagem que rasura o significado único, ampliando o processo incessante da metamorfose do sentido sob o influxo de um trabalho declaradamente metaficcional, que finge cindir a esfera da narrativa entre Rodrigo S. M. e uma autora mulher, que poderia lacrimejar piegas. Tal impasse – que se trava entre o que a linguagem literária diz e o silêncio que a resguarda – mostra que a linguagem é falha e incompleta, revelando-se incapaz de dizer tudo e de alcançar e preencher o sonho humano do Absoluto. Sem que traga à superfície uma tradição judaica *tout court*, pode-se dizer que *A hora da estrela*, de forma luminosa, recupera uma das tradições judaicas, o *midrash*, que é, de início, uma primeira interpretação do texto bíblico. O nome *Midrash*⁹ traduz, na literatura judaica do Segundo Templo, os sentidos de estudo, depuração, que permanecem até a Idade Média, podendo significar também, na

⁹ Sobre o fato de se poder considerar *A hora da estrela* um Midrash, conferir o que dizem Gilda Salem Szklo, em *O bom fim do shtetl*, (1990, p. 22, nota 2) e Berta Waldman, em *Entre passos e rastros* (2003, p. 25 e, também, nota 35 e p. 36).

literatura da seita do Mar Morto, uma forma de denominar um método ou técnica especial de estudar a Bíblia, estendendo-se à designação de um gênero literário. No caso de *A hora da estrela*, por seu caráter de reinterpretação das tradições mencionadas e por sua concepção da linguagem literária, pode-se tomar este romance como um *midrash*.

A hora da estrela revela-se, portanto, forma de interpretação, de releitura e de ressignificação de algumas narrativas formadoras e cosmogônicas que compõem o substrato do hibridismo cultural brasileiro, o que configura o pano de fundo de localização e constituição histórica das personagens Macabéa e Olímpico. Moça pobre, feia e burra, Macabéa não é nenhuma Iracema (personagem do romantismo de José de Alencar). Despojada de beleza e de atributos femininos, tragados pela metáfora “um cabelo na sopa” (que lhe é imputada por outro nordestino, Olímpico de Jesus, feio, pobre e burro como ela), a personagem não aponta, pois, para o símbolo da terra mãe, seiva e matriz da vida dos brasileiros, como no código romanesco de Alencar. Ao contrário de Iracema, Macabéa é associada ao meio-fio, à beira de calçada, ao rés-do-chão, ao capim, à coisa rasteira sem *glamour*, quase abjeta. É mulher feia que nenhum homem quer. Nasce no Nordeste, vive aos trancos e barrancos na cidade grande e morre atropelada por possante engrenagem, denotativa e conotativamente falando. A personagem protagoniza, tendo por rival o narrador Rodrigo S. M., uma história na qual se aborda a miséria social e a exclusão, temas gratos à série literária e social do naturalismo do século XIX e do neonaturalismo do romance de 30 no Brasil. Se apenas aí tivesse ficado Clarice Lispector, a obra seria, quando muito, em termos de Roland Barthes (em *S/Z*) mais um belo texto legível ou, conforme nossa leitura de Costa Lima, teria apenas resultado em uma prática bem-sucedida da mimesis da representação.

No entanto, outra história corre paralela à história de Macabéa: e esta história segunda, que hibridiza com a primeira, é a de como narrar a história de Macabéa, ou seja, a história do drama do narrador e da natureza destes seres de linguagem aos quais chamamos autor, narrador, criador e personagem. Nenhuma linearidade é possível mais, quando o que se narra são perguntas – por que escrevo? E quem é mesmo que conta uma/essa história? Quem e o quê é o criador com minúscula e o Criador com maiúscula?

Fazendo a crítica ao papel do intelectual, mesclada à empatia pela personagem Macabéa, o narrador lança “indagações de força maior” (LISPECTOR, 1977, p. 23) ao seu próprio ato narrativo. Rejeitando o mito do intelectual porta-voz da palavra do oprimido, Rodrigo S. M. avisa ao leitor: “com esta história eu vou me sensibilizar [...]. Eu não sou um intelectual, escrevo

com o corpo” (LISPECTOR, 1977, p. 21). Com mão de mestre, vai-se construindo um conflito na pauta narrativa, em que duas formas, duas forças, duas figuras de razão podem responder (na verdade encaminhando mais questões do que respostas) a “por que escrevo?”. E essas duas formas começam a combater um bom combate: uma razão de *força maior* e outra: a de uma lei, a de um modelo implícito que essas narrativas da nordestinidade costumam seguir.

No primeiro caso, tem-se a *força maior* da transgressão; no segundo, a *força de lei* da tradição. Porém, no universo de Macabéa, as duas forças serão articuladas, provocando uma convergência entre a força maior e a força de lei, como se tentando fazer falar em pauta comum a representação e a crise desta. Três fragmentos de *A hora da estrela* dão conta desse processo, inteligentemente usado por Lispector para operacionalizar a rede metaficcional do ato narrativo e a tensão entre os dois níveis de concepção da mimesis aqui referidos.

Cito os fragmentos em que isto mais se destaca: “Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer ‘realidade’. O que narrarei será meloso? Tem tendência, mas então agora mesmo seco e endureço tudo” (LISPECTOR, 1977, p. 22); “Escrevo portanto não por causa da nordestina mas por motivo grave de ‘força maior’, como se diz nos requerimentos oficiais, por ‘força de lei’” (LISPECTOR, 1977, p. 23); “Tudo isso, sim, a história é história. Mas sabendo antes para nunca esquecer que a palavra é fruto da palavra” (LISPECTOR, 1977, p. 25).

No primeiro fragmento, põe-se em questão o que significa “escrever sobre a realidade”, tomando-se consciência de que há diferenças entre a natureza da realidade escrita e aquilo que, no nível do senso comum, costuma-se chamar “realidade”. No segundo, questionam-se, ainda que de modo implícito, as poéticas do engajamento direto entre a arte e a realidade, admitindo-se uma diferenciação entre o escrever “por causa da nordestina” e o escrever “por motivo grave de *força maior*”. Finalmente, no terceiro fragmento, afirma-se a diferença: a palavra não é a coisa; posto que, “a palavra é fruto da palavra”. Com fina ironia, e por força de lei da palavra, Lispector vai perseguindo a relação entre o narrador, sua história e sua personagem, conduzindo uma investigação que leva ao questionamento da representação e da crise da própria linguagem que não pretende mais revelar uma verdade plena.

Se o narrador se apresenta inicialmente “oculto” por meio de uma “linguagem imemorial”, é, a seguir, nomeado um *Eu*, no masculino: “*Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste*” (LISPECTOR, 1977, p. 16). Essa máscara subjetiva e masculina chama a atenção do leitor pelo

inevitável enclave não só com a biografia da escritora, criada em menina em Alagoas e no Recife, mas também com a "biografia" das duas nordestinas personagens. "Pendurados na corda" da folha de rosto do livro, os treze títulos de *A hora da estrela* aludem ao cordel e às tradições nordestinas cuja ruína tais títulos alegorizam. Cada um desses títulos, em linguagem que se metamorfoseia e amplia, compõe as estórias de uma raça de explorados, de seres silenciados que, no texto de Lispector, ganham letra e voz. Acionando a memória da tradição popular do cordel e da oralidade, *A hora da estrela* retrabalha a questão do messianismo com que os excluídos pela seca e pelos homens fundam novas tradições, como a de Antônio Conselheiro e a do "Padim padi Ciço", figurações que anunciam uma forma de resistência, tornando-se uma maneira de inscrever, na linguagem, os excluídos de qualquer hemisfério. Ao reengendrar e reinterpretar as tradições culturais aqui destacadas, Lispector amplia e metamorfoseia Macabéa ao conectá-la a uma conhecida outra estória de matriz judaico-cristã, dinamizando candente releitura da *estrela* que guiou os Reis Magos à manjedoura.

Referências bibliográficas:

BARTHES, Roland. *S/Z*. Trad. Maria de Santa Cruz e Ana Mafalda Leite. Lisboa: Edições 70, 1980.

HELENA, Lucia. *Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector*. 2. ed. rev. e ampl. Niterói, RJ: EDUFF; CNPq, 2006.

_____. Fala, escrita e poder. In: _____. *Escrita e poder*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1985.

KELLER, Evelyn Fox. *Reflections on gender and science*. New Haven: Yale, 1985.

LAURETIS, Teresa de. The technology of gender. In: _____. *Technologies of gender: essays on theory, film and fiction*. Bloomington: Indiana U.P., 1987.

LIMA, Luís Costa. *Mimesis e modernidade: formas das sombras*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

_____. *Água viva*. Ficção. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Um falcão no punho*: Diário 1. Lisboa: Rolim, 1985.

LÖWY, Michel. *Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa central (um estudo de afinidade eletiva)*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PONTES, Mário. *Milagre na salina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. (Orgs.) *The Presocratic Philosophers*. Cambridge: University Press, 1971.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP; Associação de Cultura Judaica, 2003.

SKLO, Gilda Salem. *O bom fim do shtetl*: Moacir Scliar. São Paulo: Perspectiva, 1990.

Naming, creation and language in *A hora da estrela*, by Clarice Lispector: reflections on the place of God and of the subject in the language paradigm

Abstract: This article argues that in Clarice Lispector's novel, *The hour of the star*, language is a paradigm in the discussion of the "location of God", regarding the speculation on the acts of naming and creating. *The hour of the star* is Lispector's last published novel (1977), just before her death. Initially, the narrative strategy shed light into two main characters: Macabéa and Olímpico de Jesus; secondly, Lispector's text states that the entanglement of the character's names carries the echoes of three old religious traditions: Judaism; Ancient Greek mythology and Christianity, this last one focalized as conceived in the north-eastern Brazilian popular version. In doing so, the narrative establishes a relationship between authorship, language and divinity, conveying Lispector's fiction and its narrative strategies the power to retake and interpret, in a modern way, the creation of the World and of Humanity in the light and force of the word, as in the remote narratives of the Ancient cosmogonies.

Key words: Naming. Creation. Language. *The hour of the star*. Cosmogonies.

Recebido em: 25 de outubro de 2013.

Aprovado em: 23 de dezembro de 2013.